

O PROFESSOR DE INGLÊS NO 2º GRAU: ENTRE O CONHECIMENTO, A CRUZ E A ESPADA

MARIO UTIMATI*

Desviando-se ou não do objetivo principal dos cursos de Letras (Inglês ou Inglês-Português), qual seja, o de formar indivíduos que irão desempenhar uma ação educadora através do ensino da língua inglesa nas escolas da rede oficial e particular do ensino de 1º e 2º graus, os professores que atuam no 3º grau, a despeito dos incontáveis obstáculos com os quais eles se defrontam em seu dia-a-dia como cidadão-trabalhadores e como educadores, têm procurado – através de sua própria postura como educadores e através da transmissão dos conteúdos inerentes à sua disciplina – transmitir, da maneira mais sólida e séria possível, os conceitos, conhecimentos e habilidades que, no futuro, determinarão a prática educacional de seus alunos.

Espera-se, pelo menos em termos ideais, que, ao terminar um curso de Letras, o aluno esteja instrumentado lingüística, educacional, e humanisticamente para bem desempenhar sua função de educador e apto a, fundamentada e conscientemente, fazer opções e tomar decisões em todos os momentos que dele for exigida tal postura.

São os conhecimentos previamente adquiridos nos cursos de Letras – bacharelado e licenciatura – que levarão o professor, em grande parte, a assumir determinada postura frente aos objetivos do ensino da língua inglesa, ao conteúdo desse ensino, às metodologias utilizadas para desenvolver esse conteúdo e aos fatores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira propriamente ditos.

Após sua formação universitária básica, o professor de inglês de 1º e 2º graus, novamente a despeito das condições profissionais e educacionais desfavoráveis que lhes são impingidas pelo sistema educacional brasileiro, prossegue seus estudos e aperfeiçoa-se através de reuniões pedagógicas, seminários, palestras, congressos e leituras, etc. Nessas ocasiões, ele recicla seus conhecimentos e adquire conhecimentos novos uma vez que, como todas as outras áreas do co-

* Professor da Pontifícia Universidade Católica – SP. Membro do Centro de Lingüística Aplicada do Instituto de Idiomas Yázigi – SP.

nhecimento humano, o processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira está sujeito a e passa por incessante desenvolvimento e pesquisas.

São os conteúdos, os insights e as novas perspectivas sobre o ensino de línguas estrangeiras aos quais os professores são expostos nesses momentos de estudo e reflexão que também irão nortear sua prática pedagógica diária e auxiliá-lo a atingir seus objetivos mais eficientemente.

Idealmente, portanto, uma vez que o professor de inglês tenha tido uma formação universitária humanística, educacional e lingüística sólida acrescida de estudos pós-universitários que o mantêm atualizado sobre o avanço das ciências, que têm como objeto o estudo do processo de ensino e aprendizagem e, em especial, sobre o ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, esse professor poderá, baseado em seus conhecimentos presentes, refletir, optar e livremente exercer uma ação educadora que mais se coadune com os propósitos por ele estabelecidos.

No sistema social e educacional brasileiro, no entanto, dois fatores institucionalizados limitam, tolhem e coagem a ação do professor de inglês do 2º grau: o **livro didático** e o **vestibular**.

O **livro didático** é um elemento indispensável na sala de aula? Se a existência do livro didático se justifica por suas características principais de selecionar, gradar e organizar um conteúdo que venha a desenvolver conhecimentos e habilidades do aprendiz que o utiliza, a resposta é não e é sim. A seleção, a gradação e a organização do conteúdo são, sem dúvida, mais eficientes quando estabelecidos pelo professor. É ele que, com o seu conhecimento sobre as expectativas, as necessidades e o grau de motivação de seus alunos, acrescido de seus conhecimentos adquiridos em sua formação universitária e pós-universitária, mais adequada e eficientemente estabelecerá os objetivos de sua prática como também os conteúdos e os procedimentos didáticos para desenvolvê-los. No entanto, devido unicamente às condições precárias nas quais trabalha a maioria dos professores atualmente – excessivo número de aulas que ele precisa ministrar, ausência de recursos materiais (papel, stencil, mimeógrafo, xerox etc), impossibilidade de acesso e aquisição de material de referência – tal reflexão, realização e implantação se torna inviável e a tradicional presença do livro didático se faz inevitável.

A presença do livro didático nas salas de aula precede o processo de sua escolha propriamente dita por parte do professor. Nem sempre, no entanto, os conhecimentos do professor são possíveis de serem ativados no momento dessa escolha e mesmo quando são, nem sempre ou raramente o professor irá adotar um livro que venha inteiramente corresponder a todas as suas expectativas no que diz respeito aos seus objetivos, conteúdos e metodologia. Outros fatores além dos educacionais e pedagógicos, levam o professor a escolher um determinado livro: o pequeno número de livros entre os quais ele possa escolher, o preço

do livro, o marketing das editoras, o nome dos autores, a imposição por parte de uma instância superior etc.

Hoje, o professor de inglês tem à sua disposição o livro didático nacional – criado por professores brasileiros e publicado por editoras nacionais – e o livro importado – escrito por norte-americanos ou ingleses na maioria das vezes, e publicado por editores com sede nos Estados Unidos ou Inglaterra. A distância cultural, educacional e política entre os livros estrangeiros e o aluno brasileiro é de várias voltas ao redor do mundo e o caminho que o professor percorre para cobrir essa distância possivelmente nunca o levará, sem percalços, a chegar a seu destino. Os objetivos do ensino de inglês como língua estrangeira em cada sistema onde esse ensino ocorre têm suas características próprias devido à singularidade de sua história, de suas necessidades culturais, educacionais e instrumentais, objetivos esses que dificilmente estarão presentes em livros escritos por autores alheios a esse contexto.

No que diz respeito à abordagem que os livros didáticos utilizam para desenvolver os conhecimentos e habilidades, o professor de inglês, hoje, facilmente detectará duas tendências predominantes: as chamadas abordagens estruturais e as abordagens comunicativas. As primeiras se caracterizam, a grosso modo, pelo ensino da forma, pelo ensino da gramática da língua inglesa, muitas vezes usando artifícios como diálogos, jogos e textos como meio para o ensino das estruturas e vocabulários contidos neles e também preconizando o ensino da comunicação oral. As abordagens comunicativas (1), por sua vez, se caracterizam, aqui sinteticamente, pelo desenvolvimento de competências e estratégias necessárias para a comunicação de determinadas informações e conceitos onde os aspectos formais da língua são uma decorrência arbitrária da necessidade da comunicação. As abordagens estruturais, uma vez que seu advento precedeu aos estudos mais significativos sobre o processo de aquisição de línguas, preconizam também o conhecimento sobre a língua como pré-requisito para as habilidades comunicativas e a habilidade oral como precursora das habilidades de compreensão e produção da língua escrita. As abordagens comunicativas desenvolvidas em grande parte aos e em decorrência dos estudos da psicolinguística advogam a possibilidade do desenvolvimento de uma competência comunicativa específica independentemente do desenvolvimento de outras competências ou habilidades. Uma análise e estudo mais profundo por parte do professor de línguas sobre as abordagens comunicativas o levarão a refletir sobre as possibilidades de sua prática pedagógica, senão a questionar os objetivos que ele próprio anteriormente estabeleceu, baseado nos pressupostos das abordagens estruturalistas.

A adoção de um livro didático por parte do professor pressupõe o seu uso intensivo em suas salas de aula pelos motivos anteriormente mencionados. O livro didático adotado não só estabelece os objetivos da disciplina do professor

como também impõe aos aprendizes e ao professor os pressupostos metodológicos, os conteúdos lingüísticos e educacionais e os procedimentos didático-pedagógicos. Os conhecimentos do professor adquiridos durante sua formação universitária e pós-universitária e seus ideais educacionais podem tanto ter o livro didático como instrumento aliado facilitador quando adotado conscientemente como também ter o livro didático como um ditador e centralizador das tomadas de decisões de cunho metodológico e educacional que somente ao professor cabe tomar.

Em teoria, o livro nacional é aquele que deveria não só ser mais adequado aos objetivos educacionais do ensino de inglês a brasileiros como também utilizar uma abordagem que desenvolva mais realística e efetivamente as habilidades comunicativas das quais o aluno brasileiro necessita. No entanto, uma análise dos livros escritos e editados no Brasil demonstra que a maioria deles não tem assimilado os desenvolvimentos das ciências que estudam o processo de ensino e aprendizagem (2) de línguas estrangeiras e tampouco acompanhado as transformações pelas quais passaram e passam a sociedade brasileira, principalmente no que diz respeito às expectativas (3), necessidades e objetivos dos educadores e dos jovens brasileiros.

Somente através de uma seleção mais criteriosa dos livros didáticos produzidos no Brasil e uma crítica construtiva mais incisiva por parte dos professores junto aos editores e autores desses livros é que o professor de inglês, consciente e responsável, poderá ter livros que estejam mais adequados às suas expectativas e às necessidades do aluno brasileiro, possibilitando, assim, uma aprendizagem mais significativa, real e socialmente mais relevante. E é um interesse maior, real e comprometido dos professores de cursos de Letras e de especialização em relação ao ensino de línguas nos 1º e 2º graus que possibilitará a transmissão de conhecimentos aos seus alunos, futuros professores de línguas. Conhecimentos esses que desenvolverão o senso crítico do professor, embasarão suas críticas e análises e definirão uma prática pedagógica mais eficiente.

Tanto quanto ou talvez mais do que o livro didático, o **exame vestibular** tem exercido um papel de educador-mor dos jovens brasileiros. A nível do 2º grau em particular, a instituição escolar e conseqüentemente seus professores são avaliados de acordo com o número de seus alunos que são aprovados nos exames vestibular. Por essa razão, a escola e o professor se vêem coagidos a atenderem a essa solicitação da sociedade, uma vez que os próprios critérios elitistas e não-democráticos do atual sistema de seleção levam-na a definir o ensino do 2º grau como uma mera preparação para o exame vestibular ao qual o aluno é submetido.

Todos os conhecimentos – específicos e educacionais que o professor adquiriu durante um curso universitário e em suas reciclagens são praticamente anulados, uma vez que o ‘cobrir’ o conteúdo programático exigido pelo vestibular

lar e 'dar as dicas' para que os alunos respondam acertadamente às perguntas se tornam a razão principal de sua prática pedagógica.

Uma análise dos exames de vestibular de língua inglesa demonstra que a grande maioria deles se preocupa em testar o conhecimento do candidato em relação aos aspectos gramaticais e de vocabulário da língua inglesa. As partes de compreensão de textos visam a testar não a capacidade intelectual de se compreender um texto ou a ativação de suas estratégias de leitura mas somente testar o poder de análise de seus componentes formais ou traçoeiros. Ao estabelecer esses critérios de avaliação do conhecimento de inglês que o candidato possui, é evidente que esses exames ou os examinadores estão alheios aos estudos sobre a função da língua, sobre o processo de aquisição e aprendizagem, sobre a avaliação de conhecimentos e acima de tudo e mais grave ainda sobre os objetivos que justificam a presença de um exame de língua estrangeira no exame vestibular.

E ficam, no entanto, geralmente inertes e impotentes, os professores frente a tamanha autoridade ou autoritarismo que é o conteúdo dos exames vestibular, deixando que eles dominem e determinem a sua ação como professor e educador. Além disso, as editoras, conscientes da necessidade criada pelo exame vestibular, publicam livros didáticos que visam ensinar o conteúdo exigido por esses exames. O professor, ao adotar esses livros, não só reforça a metodologia, os conteúdos e a ideologia presentes neles como também reconhece e institucionaliza o conteúdo do exame vestibular.

Tanto quanto em relação ao livro didático, é direito do professor de inglês, baseado em sua experiência pedagógica e em seus conhecimentos concretos sobre o processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, criticar e evitar que a educação e sua atuação diária como professor sejam ditadas por normas estabelecidas por um pequeno grupo não-representativo de profissionais que está alheio ao processo educacional e pedagógico no qual estão engajados diariamente milhares de professores.

Concluindo, no momento em que algumas propostas e ações democratizantes se fazem sentir no Brasil, nada mais oportuno e benéfico à sociedade e à educação brasileira do que inverter as forças que agem no universo do ensino do 2º grau, emanando da sociedade como um todo e mais especificamente dos trabalhadores intelectuais, os professores, os parâmetros que nortearão a sua prática pedagógica e educacional fazendo vingar a sua experiência, a sua dedicação e os seus conhecimentos sobre as cruces e as espadas.

NOTAS:

- (1) Ver Brumfit C.J. e Johnson K. (1979) **The Communicative Approach to Language Teaching** Oxford U.P.; Candlin C.N. (1981) **The Communicative Teaching of English**, Longman; Littlewood W. (1981) **Communicative Language Teaching**, Cambridge U.P.; Yoshimura A., Menezes de Souza L.M., Gil M.G.C.C., Utimati M. (1984) **Imagine**, Difusão Nacional do Livro; Yoshimura A. (1982), **Our Turn**, 1º Grau, Difusão Nacional do Livro; Weischtordt V.C. (1982) **Our Turn**, 2º Grau, Difusão Nacional do Livro.
- (2) Ver Krashen, S.D. e Terrel T.D. (1983) **The Natural Approach – Language Acquisition in the Classroom**, Pergamon.
- (3) Ver Richterich R. (1985) **Besoins langagiers et Objectifs d'apprentissage**, Hachette.